

A quarentona da quarentena mortífera (VIII)

Marli (minha mulher), antes da quarentena era muito doente. Ficava abatida, bochechas chupadas, olheiras fundas e enegrecidas chegadas à fuligem.

As crises cada vez mais frequentes, agravadas pelas fofocas e vídeos feministas do ZAP, deixavam-me indefeso, encolhido, acuado, incapaz.

O ciúme de Marli avançava inexoravelmente, espalhando suas metástases e a consumindo sem piedade. Quando começou a pandemia, Marli transformou-se. Metástases ciomogênicas regrediam rapidamente, a bochecha inflou, rosou-se. Saiu a fuligem das órbitas e eu até já conseguia ver seus dentes. Pensei: *“A pandemia curou-a!”* Do ciúme sim.

Mas, quando veio a quarentena, outra moléstia acometeu-a: a depressão. Tudo me indica, sem ser esculápio, que seu DNA mudou o foco. Até já falei sobre esse morbo de Marli a que ela tem se dedicado nas terapias por skype. A definhar-me ao ciúme de Marli, Deus me perdoe, viva a sua depressão na quarentena.

Entrei no elevador, Dona Zilá (minha sogra) nervosa pra chegar na farmácia.

Lá estava ela: a quarentona do 311. O que eu vi naqueles 45 segundos, sei lá, 60 s, foi uma revelação. O corpo escultural da quarentona que eu apreciava já há muitos anos; que tanto me inspirara em abstinências forçadas, menstruações tsunâmicas, rugas rotineiras, cansaços invencíveis; que, enfim, me trazia sempre uma sensação de esperança ao percorrer o corredor e entrar no elevador, não havia me possibilitado aquela revelação. Naqueles, sei lá, doze anos, o que o apê da Barata Ribeiro tinha de melhor era a possibilidade de encontrar a quarentona no corredor ou no elevador, lembrando que no início de minha saga ela era trintona. Ainda mais agora na quarentona, ops, quarentena, em que me foi dada a graça da revelação.

Dona Zilá virou pra trás e perguntou: *“Tá olhando o que? Não viu que já chegou?”*

Acordei do sonho, fui correndo à farmácia, e voltei ao apê disposto a ficar em silêncio por mais 2 meses de quarentena em profunda meditação pela revelação que me foi agraciada.

Ela estava de máscara. A máscara, branca como uma lua cheia, trazia alças também branquinhas sobre suas orelhas e ramos de cabelos, como se fossem pontes ao arco-íris. Seu nariz tapado como um monte encoberto de neve escondia abaixo o queixo - a planície recolhida pela proximidade da primavera -. Seu pescoço, parcialmente coberto deixava reaberta a possibilidade de provar que a Terra não é plana. A boca e os lábios tão escondidinhos como se estivessem descaradamente nus e entreabertos. Mas, faltava a revelação. E eu, nesses doze anos de meu passado jogados fora, nunca havia me curvado ao mistério do feminino nos olhos. Seus olhos. Seus olhos estavam lá abertos, no elevador, vivos, a me elevar, descobertos me olhando. Olhos. Olhos! Que olhos amazônicos, verdes, enfáticos, ciclópicos, turmalinas despudoradas, lapidadas pelos deuses do Olimpo, preciosidades garimpadas no desespero suplicante de mãos removendo as terras para enfim ...

Nisso, Marli me cutuca e sentencia: *“está pensando em que?”* ●●●

Domitilo de Andrade – abril 2020